

PRÓLOGO

É muito engraçada essa vida, não é? Digo isso porque jamais nos preocupamos com as vicissitudes até quando elas nos aparecem. Em geral, pensamos que o que há de ruim acontece com os outros, mas nunca conosco. Lemos os noticiários, vemos as tragédias cotidianas mas pensamos ser imunes a todas elas. Até que a vida vem e prega uma peça em cada um de nós. Pelo menos, foi isso o que aconteceu comigo...

Tudo aconteceu antes do meu aniversário de 31 anos, no segundo semestre do ano de 2009. Não fazia tanto tempo, havia conquistado minha independência financeira; fazia Mestrado, dava aulas e estava realizado tanto profissionalmente quanto pessoalmente; tinha sido aprovado em concursos públicos; com tanta coisa boa me acontecendo, o que de ruim poderia suceder?

A minha sorte mudou radicalmente no dia 7 de setembro de 2009. Jamais esquecerei desse dia. Era feriado cívico nacional, que seria emendado com o dia seguinte, dedicado à cidade de Vitória; teríamos, assim, dois dias de descanso, que eu, como bom capixaba, curtiria na praia, fazendo a minha corrida usual. Estava feliz com os feriados e tinha planos de descansar em casa e fazer algumas atividades físicas. Nunca gostei de ficar parado!

Ainda me lembro de ter dito ao meu pai “tchau, vou correr na praia” e pegar o meu boné e o protetor

solar; havia marcado com um amigo, para fazermos exercícios juntos, mas, no meio do caminho, resolvemos mudar de ideia e fazer uma viagem curta, naquele mesmo dia, para curtir seu o carro novo. Foi o nosso grande erro...

Chegamos até o centro da cidade de Vitória; em princípio, queríamos ir até Domingos Martins, uma bela cidade que fica uma hora e meia da capital, nas Serras Capixabas; precisaríamos passar pelo Centro para tanto, mas logo desistimos: a parada cívica havia tornado o trânsito um inferno, em pelo feriado, e nós ficamos parados num enorme engarrafamento, para nosso aborrecimento.

Foi quando tive a ideia de cortarmos caminho e irmos para Santa Tereza, outra bela cidade de interior capixaba, de colonização italiana, que ficava, por seu turno, do outro lado do nosso itinerário, na BR 101 Norte. Meu amigo, então, mudou de direção e fomos para um caminho inverso do que fazíamos; tudo corria tão bem desta vez que decidi que ligaria para minha família, para dizer que não almoçaria em casa, quando lá chegasse. Afinal, quem é que pensa se tornar vítima de um acidente automobilístico?

Deixamos Vitória, chegamos ao município de Serra e logo estaríamos em Fundão, duas cidades da região metropolitana da capital, de onde tomaríamos a estrada rumo à Santa Tereza, a partir do trevo de Timbuí, distrito de Fundão. O dia estava perfeito: fazia

sol, ouvíamos música, estávamos nos divertindo. Nada poderia dar errado. Nada.

Foi quando, no quilômetro 239 da BR 101 Norte, a única coisa que eu consegui dizer foi “joga para o acostamento”, mas meu amigo, creio, não escutou. E daí mais nada. Eram duas pistas para ir e uma para voltar, sem acostamento e com dois barrancos de cada lado. Um carro prata invadiu a nossa faixa. Ainda me lembro de vê-lo se aproximando com tudo na minha frente, e eu, impotente, esperando o choque, além de ouvir o barulho dos pneus cantando e depois um grande estrondo. E mais nada. Só o vazio. E uma imensa escuridão. Só.

E, a partir desse momento, começa a minha história. A história de um sobrevivente.